

A INTERAÇÃO ENTRE SURDOS E OUVINTES NO ENSINO SUPERIOR: POSSIBILIDADES DE APRENDIZADO E APROXIMAÇÃO CULTURAL

Leonardo José Freitas de Oliveira¹; Maria Ghisleny de Paiva Brasil²

¹ Graduando em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, UFRSA, Caraúbas/RN, Brasil. Email: leonardo.oliveira07227@alunos.ufersa.edu.br;

² Professora Doutora do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA, Curso de Letras Libras, Caraúbas/RN, Brasil. E-mail: maria.ghisleny@ufersa.edu.br

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar como as relações em sala de aula entre os alunos ouvintes e surdos podem se tornar a porta de entrada para um maior aprendizado em Língua Brasileira de Sinais. Como essa interação extrapola a sala de aula e pode tornar o conhecimento da Libras, bem como o acesso à comunidade e à cultura surda, mais amplo e significativo. Fundamentado na lei nº 10.436/2002 (Lei de Libras) e no decreto nº 5.626 que reconhecem a Libras como forma de comunicação legal e expressão da comunidade surda, o texto discute como as línguas de sinais são línguas naturais e legítimas como qualquer língua falada. Esta pesquisa, de perspectiva qualitativa e abordagem bibliográfica focada no contexto do ensino superior, apresenta autores como Quadros, Karnopp, Freire, Vigotski para mostrar que a convivência em sala de aula entre os alunos surdos e ouvintes podem promover uma troca de saberes entre os alunos que além de praticar a Libras. Permite também que o ouvinte aprenda sobre as lutas, cultura e identidades da comunidade surda que por muito tempo foi marginalizada. Conclui-se que a importância da relação e interação entre os alunos ouvintes e surdos que possuem como base a Libras vai além da comunicação na sala na aula e se torna uma ferramenta de luta social.

Palavras-Chave: Libras. Surdo. Interação. Ensino. Educação.

Introdução

Ao se falar em educação de surdos ou ensino de língua de sinais, diversos aspectos são evocados. A base legal desse ensino vem da Lei nº 10.436/2002 (Lei de Libras) e do Decreto nº 5.626, que regulamentam o direito dos estudantes surdos à educação, à presença de intérpretes e ao atendimento especializado.

Quadros e Karnopp (2007) afirmam que as línguas de sinais, e no caso do Brasil, a língua brasileira de sinais, são consideradas uma língua viva, natural, tal qual quaisquer outras línguas faladas, tendo assim legitimidade de ser o principal instrumento de comunicação da comunidade surda: “As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.” (Quadros e Karnopp, 2007, p. 30).

A comunidade surda conquista, cada dia mais, seu espaço. O ensino de surdos em língua de sinais está se tornando cada vez mais comum nos espaços sociais, saindo da sala de aula e ingressando na sociedade. O ensino da Língua Brasileira de Sinais deixou de ser apenas para os alunos surdos e vem cada dia mais se tornando símbolo de acessibilidade linguística com diversos programas de ensino de Libras para ouvintes e surdos que não tiveram esse ensino na educação básica.

No ensino superior, a Libras também conquistou seu espaço com cursos de graduação em Letras Libras, Pedagogia Bilíngue (Português-Libras), extensões universitárias, cursos, ações de ensino etc. Nesse ambiente das instituições de ensino superior, essa pluralidade entre os alunos ocorre, diferentes perspectivas, visões e conhecimentos de mundo são compartilhadas e construídas de forma colaborativa em sala de aula, a interação entre esses alunos ouvintes e surdos tende a se tornar mais significativa. Cada dia mais os alunos surdos estão entrando e participando do ambiente universitário com seus colegas ouvintes, cada dia esses alunos levam seus conhecimentos linguísticos e culturais para a sala de aula. Para Vigotski (2001, p. 63) “A função primária da linguagem é comunicar, relacionar socialmente, influenciar os circundantes tanto do lado dos adultos quanto do lado da criança”. Nesse entendimento, a Libras exerce essa função primária de comunicação.

Com base no já apresentado, este presente trabalho busca compreender de que maneira essa comunicação, potencializada pelas relações entre alunos surdos e ouvintes, podem acabar influenciando o aprendizado. Parte-se da hipótese de que tais interações constituem uma via de mão dupla para a aquisição de conhecimentos linguísticos, culturais e sociais.

Como metodologia trata-se de uma pesquisa qualitativa sob uma perspectiva bibliográfica que busca analisar e refletir sobre os materiais publicados sobre o ensino de língua brasileira de sinais e de como as relações entre os alunos surdos e ouvintes, bem como com a comunidade surda em si, podem ser fundamentais para um aprendizado mais aprofundado. Sobre a pesquisa qualitativa Guerra (2014, p. 11) mostra:

a abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

O estudo tem como foco a interação entre alunos surdos no ensino superior buscando analisar e refletir como essa relação contribui para o aprendizado da Libras e uma maior imersão na cultura surda.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54), a pesquisa bibliográfica é aquela elaborada a partir de material já publicado:

quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de analisar criticamente os materiais disponíveis sobre as relações entre surdos e ouvintes no contexto educacional, com foco no ensino superior. Busca-se identificar convergências teóricas, lacunas e perspectivas que fundamentam a reflexão sobre o tema.

A partir da leitura dos materiais publicados, foi possível analisar e refletir como esses estudos promovem um debate que vai além da sala de aula para esse tema, e de como a análise e reflexão sobre esse tema da relação entre os alunos ouvintes e surdos promovem um debate que vai além da sala de aula e também se torna um debate social sobre exclusão, lutas, aprendizados, acessibilidade e de como isso se inicia através do aprendizado da língua brasileira de sinais e de como o aprender sobre o mundo do outro faz com que se adquira uma visão social totalmente nova e profunda.

Nessa perspectiva, problematizamos: O intercâmbio linguístico e cultural dos alunos surdos com os alunos ouvintes pode proporcionar um ensino-aprendizagem em Língua de Sinais mais efetivo e uma imersão mais aprofundada sobre a comunidade e cultura surda? Sendo assim, o trabalho busca refletir sobre como essa relação entre os alunos ouvintes e surdos pode trazer não apenas um melhor ensino de Libras como também é a porta de entrada para o conhecimento de uma cultura que há muito tempo fora deixada de lado, a comunidade surda.

Relação entre alunos surdos e ouvintes

Em sala de aula do ensino superior, seja em cursos de Letras Libras, Pedagogia Bilíngue, extensões ou disciplinas eletivas, sempre que há interação entre alunos ouvintes e surdos tendo a Libras como meio, nota-se que ela se torna mais que uma ferramenta de comunicação escolar. A comunicação deixa de ser exclusiva daquele espaço e passa a ser um meio de conexão com toda a comunidade. A interação entre esses alunos constitui-se, muitas vezes, como o pilar inicial da troca de saberes linguísticos e culturais. Mesmo com conhecimentos de mundo diferentes, ambos promovem essa troca. Para Vigotski (2001), a linguagem é puramente social e necessita das relações entre indivíduos para ocorrer o aprendizado.

No contexto da Libras, a interação entre alunos surdos e ouvintes aponta como um pilar central potencial do desenvolvimento linguístico e cultural de ambos. Para Freire (2019, p. 25) “ Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro”. Assim vemos que essa relação entre os alunos os tornam docentes e discentes entre si, o surdo com todo um conhecimento linguístico e cultural próprios da comunidade surda e o aluno ouvinte com seu conhecimento advindo de uma cultura ouvinte, essa troca de informações gera entre muitas coisas um aprofundamento maior na língua brasileira de sinais, já que, utilizando a Libras como ferramenta base de comunicação a prática da mesma se torna frequente levando a um maior domínio linguístico.

No ensino superior, as dinâmicas em sala de aula diferem da educação básica, especialmente em cursos como Letras Libras, que possuem uma quantidade expressiva de alunos e professores surdos. Nesse contexto, a relação entre os graduandos pode ultrapassar a condição de colegas de sala: eles são futuros pesquisadores, professores, formadores e tradutores/intérpretes que irão atuar nos mais diversos espaços para efetivar as políticas de acessibilidade linguística, asseguradas pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5.626/2005, seja ensinando Libras, seja pesquisando novas metodologias. Dentro desse próprio ambiente universitário, as dinâmicas de interação ainda variam conforme a configuração da turma. Em aulas com docentes ouvintes e presença de intérpretes, a mediação ocorre majoritariamente em português oral. Em contrapartida, quando o docente é surdo ou em disciplinas específicas de prática em Libras, a Língua de Sinais assume o protagonismo. A literatura aponta que esses contextos de imersão, onde a Libras é a língua de instrução, favorecem significativamente a fluência e o intercâmbio cultural entre os pares. É essa troca de saberes, tendo a Libras como

base fundamental para a comunicação plena entre todos, o que se configura como uma maneira de tornar o aprendizado linguístico tão eficaz.

No caso do aluno ouvinte, pode trazer toda uma vivência da sociedade e cultura ouvinte que podem ajudar os colegas surdos em diversas situações. O aluno surdo, por sua vez, vivencia um espaço que historicamente foi negado e nessa interação, também exerce seu papel de protagonista na própria formação e na formação de seus colegas ouvintes. Freire (2019, p.58) vem dizer que: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Respeitando os saberes dos alunos, a autonomia e o protagonismo de cada um favorece com que essa interação entre os alunos aconteça e essa troca de saberes se torne cada vez mais profunda, além da língua brasileira de sinais e adentre saberes mais profundos e próprios de cada vivência.

Para Quadros e Karnopp (2007, p. 37) “[...] as línguas de sinais, podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e o processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua que apresenta certas particularidades em relação às línguas orais.”

As perspectivas apresentadas podem ser uma possibilidade de ajudar os alunos ouvintes a verem o mundo de maneira diferente daquilo que se era acostumado a olhar, ao se colocar no lugar do colega surdo, sua comunicação, sua cultura, seus desafios e lutas. A relação entre ambos se torna algo muito além da plena comunicação em Libras, podem se tornar uma forma diferente de ver um mundo e uma comunidade que há muito foi deixada de fora e marginalizada pela sociedade.

Da sala de aula à comunidade surda

As dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos vão além da sala de aula em si, essas dificuldades estão impressas em sua vivência e no seu cotidiano, e entender essas dificuldades torna o entendimento sobre a língua brasileira de sinais e o surdo em si muito mais significativo. Para Duarte *et al.* (2013, p. 1723) *apud* (Quadros, 1997; Quadros, Karnopp, 2004; Carvalho, 2007) “A educação de surdos foi marcada por revoltas ‘ouvintistas’ que negavam os sucessos obtidos com os métodos que priorizavam a língua de sinais, manipulando a sociedade para que esta se voltasse contra a minoria surda e sua comunicação visuoespacial.” Essa visão ouvintista da sociedade imposta a toda uma comunidade mostra a importância da acessibilidade linguística e de cada vez existir uma relação e interação entre

as comunidades ouvintes e surdas, na educação, isso ocorre naturalmente em sala de aula, quebrando diversos estereótipos, estigmas e preconceitos.

À medida que essa interação entre os ouvintes e surdos extrapola a sala de aula, aprende-se como a comunidade surda também é uma comunidade que acima de tudo luta para existir plenamente. Para Duarte *et al.* (2013, p. 1170) *apud* (Diniz, 2003) “a comunidade surda é uma comunidade orgulhosa de si. Orgulhosa de sua cultura, orgulhosa de sua história e orgulhosa de sua linguagem. Nós temos o direito de ser orgulhosos. Nós sobrevivemos a várias tentativas de estigmatização, de opressão e mesmo de eliminação de todos nós”. Essa comunidade de certa forma se torna invisível a sociedade ouvinte, se torna esquecida para muitos e só é descoberta quando aquele com curiosidade busca saber sobre e acaba adentrando em uma comunidade muito ampla, que possui sua própria identidade, cultura, valores e lutas.

Quando se entende o que é a comunidade e cultura surda, vê-se que os preconceitos sobre os surdos é algo que foi construído na mente da sociedade ouvinte por muito tempo, e esses preconceitos afastam as pessoas. Como diz Duarte *et al.* (2013, p. 1729) “A comunidade surda, que usa a língua de sinais como primeiro meio de comunicação e possui sentimento de pertencimento à cultura surda, constitui-se em um grupo com características linguísticas peculiares, com cultura, normas sociais e identidade própria”. Esse modelo de comunidade que busca reconhecimento pleno de sua identidade e respeito da sociedade em geral, que busca uma melhor sociedade para viver depois de muito tempo sofrendo com o apagamento histórico.

Para que a interação entre alunos surdos e ouvintes ultrapasse o nível meramente comunicativo e se converta em uma vivência significativa, é imprescindível compreender o que constitui a cultura e a identidade surda. Strobel (2008) define a cultura surda como o conjunto de práticas, valores, artefatos e modos de vida que emergem da experiência visual do mundo e do uso da língua de sinais. Diferentemente da visão clínica que reduz a surdez a uma falta, a perspectiva socioantropológica entende o sujeito surdo como pertencente a uma minoria linguística com cultura e língua próprios, como diz Abreu (2020, p. 715) *apud* Skliar (1998), Quadros (2004) e Sá (2006) “[...] os surdos constituem um grupo minoritário de pessoas que se agrupam para discutir e opinar sobre suas vivências pelo fato de serem seres visuais; a língua de sinais permite a comunicação e a interpretação de suas histórias e culturas.”

Respeitar a comunidade surda não por serem surdos, mas respeitar como se respeita a diferença de cada pessoa como indivíduo único, Para Freire (2019, p. 118):

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las, e se não os escuto, não posso falar com elas, mas a elas, de cima para baixo.

Esse respeito é o que pode fazer com que as interações entre ouvintes e surdos transpassem a utilização da língua brasileira de sinais como uma mera ferramenta de comunicação, é entender que o outro existe com suas vivências, culturas, saberes e lutas próprias e que como se deve entender e respeitar a cada um por ser quem são.

Muitas coisas são aprendidas através de uma relação que ocorre naturalmente nas salas de aula de um curso de Libras, na sala de aula de um curso superior como Letras Libras, conviver com surdos de uma comunidade local, vivenciar as lutas dos surdos nas mídias sociais. É esse conhecimento que para Vigotski (2001) só se é conseguida através da relação entre as pessoas. Para Freire (2019, p. 96): “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo”. E essa intervenção no mundo que a educação pode intervir em pautas e lutas que para muitos são desconhecidas.

Análises e reflexões

A análise e reflexão da literatura mostram que existem três principais pontos nessa discussão sobre a relação entre alunos ouvintes e surdos dentro e fora da sala de aula, são elas:

1- Interação Social como principal pilar do aprendizado

Vigotski e Freire são cruciais para entender como funciona a troca de saberes nessas relações entre os alunos ouvintes e surdos. Na sala de aula existe essa dinâmica entre os alunos da “docência e discência” entre si como Freire (2019) nos mostra que são essas trocas de saberes que promovem um aprendizado mais humano. Para Vigotski (2001) mostra que a comunicação deixa de ser apenas a função primária da linguagem e passar a ser uma ferramenta de construção dos conhecimentos acadêmicos e sociais de fora da universidade, já que a Libras se torna muito mais que apenas comunicação, se torna a porta de entrada para a convivência e troca de saberes mais profundos com seus colegas surdos e a comunidade surda.

2- Língua Brasileira de Sinais como língua natural e profunda

Como mostrou Quadros e Karnopp (2007) a língua de sinais é uma língua viva, com sua gramática, forma legítima de se expressar e afastando o pensamento que a Libras é algo que é um problema ou doença dos surdos. É uma língua que pode trazer mais aprofundamento

nas perspectivas de como funcionam as línguas faladas e podem mudar a visão sobre como os idiomas são. Também vem nos mostrar que a comunidade surda é orgulhosa da sua língua de sinais, da sua cultura e sua história de lutas e conquistas, como disse Duarte *et al.* (2013) *apud* (Diniz, 2003) e como através das interações e relações entre os alunos ouvintes e surdos podem mostrar esse lado diferente da Língua Brasileira de Sinais.

3- Muito Além da Sala de Aula

Refletindo sobre o papel da Libras, da comunidade surda, essas interações entre os alunos ouvintes e surdos não param apenas na sala de aula. A Libras vai além da sala de aula, mesmo sendo ela o pontapé inicial do aprendizado e alfabetização em língua de sinais, essa interação transpõe os limites da universidade e sai no mundo afora através das lutas e conquistas da comunidade surda.

Freire (2019) mostra que a educação é uma das formas de intervir no mundo e como essa intervenção ajuda a compreender muito além dos diálogos em sala de aula e transporta toda uma comunidade que sempre lutou por respeito e existência surgirem dentro e fora das universidades. Mesmo com tentativas de apagamento como mostra Duarte *et al.* (2013) *apud* (Quadros, 1997; Quadros, Karnopp, 2004; Carvalho, 2007) com estratégias ouvintistas e métodos que buscavam não usar a língua de sinais, a comunidade surda resistiu e resiste até hoje.

Conclusão

Esse trabalho teve como objetivo analisar e refletir sobre como essas relações e interações entre os alunos surdos e ouvintes surgem em sala de aula e como essa relação é uma possibilidade de aprofundar os conhecimentos e visões sobre a comunidade surda, utilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um intermediário comunicativo entre os alunos vindo de mundos e culturas distintas. Como essa interação se aprofunda no conhecimento e prática da Libras, e de como através desse aprofundamento se é possível entender através de um exercício de empatia de como a comunidade surda fora durante muito tempo estigmatizada, e com isso também de como lutam cada dia mais para uma educação e valorização da cultura surda. Mesmo com conquistas legais a luta continua sempre, já que o que está escrito no papel ainda não reflete exatamente o que se vê na sociedade.

Ao analisar e refletir sobre como o aprendizado em Libras foi, por muito tempo, deixado de lado em prol de uma perspectiva ouvinte, percebe-se que a vivência da comunidade

surda como detentora de não apenas uma língua própria, mas também de uma cultura própria é algo que se reflete de maneira potente quando um aluno ouvinte se permite “escutar” toda a história e luta de seus colegas de classe e professores surdos traz à tona toda a luta de uma comunidade silenciada no passado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Cristina Barreto Fernandes de. Abordagem socioantropológica da surdez, Língua de Sinais e Educação Bilíngue: uma perspectiva histórica e cultural . **Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 711–734, 2020. DOI: [10.14393/OBv4n3.a2020-58434](https://doi.org/10.14393/OBv4n3.a2020-58434). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/58434>. Acesso em: 13 abr. 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 25 fev. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, [2005]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 25 fev. 2026

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 159, n. 146, p. 1, 4 ago. 2021.

DUARTE, Soraya Bianca Reis; CHAVEIRO, Neuma; FREITAS, Adriana Ribeiro de; BARBOSA, Maria Alves; PORTO, Celmo Celeno; FLECK, Marcelo Pio de Almeida. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 20, n. 4, p. 1713-1734, dez. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-597020130005000015>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Ânima Educação, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. 276 p.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 221 p.



XVI FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: SABERES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

27 a 30 de maio 2026 - Sertão Central - Quixadá - CE.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VIGOTSKI, L. S.. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP